

14
2014

R

evista de História da Sociedade e da Cultura



Centro de História da Sociedade e da Cultura
Universidade de Coimbra

Coimbra

Decididamente, nesse galante século XVIII, o sagrado cruza-se com o açucarado....

No momento em que diariamente somos confrontados com a globalização, em que se pode aprender a fazer, via televisão ou Internet, um qualquer doce dos antípodas, afigura-se importante conhecer as tradições culinárias da região onde se vive, como forma de as preservar. A história, como um dia escreveu um grande historiador, é um outro continente... É precisamente a capacidade de nos transportar para um outro tempo uma das grandes potencialidades do livro *Arte doceira de Coimbra. Conventos e tradições. Receituários (séculos XVII-XX)*.

As receitas coligidas contribuem, também, e de um modo muito significativo, para a valorização do património doceiro conimbricense, preocupação que norteou a autora deste livro, conhecedora das potencialidades da doçaria tanto em termos históricos e culturais como factor de desenvolvimento turístico. Espera-se que confeitores e pasteleiros da cidade de Coimbra saibam aproveitar velhas receitas e as reinventem, fazendo regressar à arca dos sabores da actualidade, doces com história...

Irene Vaquinhas
FLUC/CHSC
irenemcv@fl.uc.pt

Notícia Historiográfica

Gago Coutinho corrige e esclarece o Visconde de Lagoa

Na página 17 do volume I do seu *Fernão de Magalhães – A Sua Vida e a Sua Obra* (Lisboa, “Seara Nova”, 1938, 347 p. e “corrigenda”), o 4.º Visconde de Lagoa, António de Mascarenhas Júdice (1898-1957), ao procurar reconstituir a rota da viagem inaugural de Vasco da Gama à Índia, abona-a historiograficamente deste modo: “Tal é a rota mui criteriosamente marcada pelo almirante Gago Coutinho, que é um mestre no assunto”. Já gozava, pois, de autoridade científica geralmente reconhecida o companheiro de Sacadura Cabral na imortal viagem que, em 1922, haviam logrado realizar entre Lisboa e o Rio de Janeiro.

É que, anteriormente, a esse ano memorável (entre 1907 e 1910), já Coutinho realizara importantes trabalhos de geodesia na África Oriental, já se havia encarregado da demarcação de parte da fronteira de Angola (1912-1914), já integrara a missão geodésica de São Tomé e Príncipe (1915-1918); enfim, observara e registara milhares de coordenadas geográficas com elevadíssimo rigor.

Distinguia, porém, o seu invejável currículo a *invenção* do “astrolábio de precisão” ou, mais propriamente, a adaptação que fizera do sestante de horizonte artificial com bolha de ar, o que concorreu para revolucionar a navegação aérea.⁵ A afinidade das técnicas e dos processos na navegação marítima moderna e na primeira navegação aérea saía reforçada se tivermos presente que, em 1923, Sacadura Cabral tinha o propósito (infelizmente logrado com a sua morte) de realizar a circumnavegação aérea do Mundo, “copiando a rota de Fernão de Magalhães”.⁶ Mas, foquemos outra faceta bio-bibliográfica de Carlos Viegas Gago Coutinho (1869-1959).

Com o recurso a muitos livros e documentos impressos e tirando partido da sua experiência no *terreno*, aliada a um elevado espírito científico-técnico, Carlos Viegas Gago Coutinho concorreu para dinamizar a historiografia dos descobrimentos, em particular o estudo da Náutica. Confirmam-no trabalhos, como: *Onde teria invernado Gomes de Sequeira em 1925*; *Viagem da Barca Foz do Douro e algumas reflexões náuticas*; *O Roteiro da Viagem de Vasco da Gama e a sua versão nos Lusíadas*; *A Náutica dos Descobrimentos...*

Em 1925, Gago Coutinho assumiu a direcção da Comissão de Cartografia e terá sido, então, que passou a estabelecer estreitos e duradouros contactos com muitos “Seareiros”, a ponto do grupo “Seara Nova” ter pensado em propô-lo à Presidência da República. Se repararmos que o *Fernão de Magalhães* (em dois volumes), do Visconde de Lagoa, foi editado pela “Seara Nova”, talvez encontremos a origem da relação pessoal entre Coutinho e Lagoa, apesar de os separarem 29 anos de idade, mas de os unirem a

⁵ Devido à exigência académica da obra, remetemos os interessados no perfil bio-bibliográfico de Gago Coutinho para a tese de Doutoramento em História, de Rui Miguel da Costa Pinto, intitulada *Gago Coutinho (1869-1959), geógrafo-historiador – Uma biografia científica*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011 e orientada pelo Prof. Doutor Francisco Contente Domingues.

⁶ Rui Costa Pinto, *ob. cit.*, p. 111.

formação técnica (o 4.º Visconde de Lagoa licenciou-se em Engenharia) e o gosto pela historiografia.

As dedicatórias a Armando Zuzarte Cortesão (do seu *Fernão de Magalhães*), a Afonso Lucas (*Da influência da cartografia coeva no descobrimento do estreito de Magalhães*) ou a Marcelo Caetano (de *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Tentativa de reconstituição geográfica*), bem como as provas de afecto e admiração que lhe votaram, por exemplo, Jaime Cortesão, Hernâni Cidade, Augusto da Silva Carvalho, Luís Silveira, Frazão de Vasconcelos, Joaquim Paço d’Arcos, Mário Chicó, António da Silva Rego, António Sérgio, Sarmento Rodrigues, Elaine Sanceau, Georg Schurhammer, Albert Kammerer..., testemunham como era diverso e bastante alargado o universo do interconhecimento de Lagoa.⁷ Kammerer, por exemplo, era confesso apreciador do estudo de Lagoa, *Grandes e Humildes na Epopeia Portuguesa do Oriente, séculos XV, XVI e XVII*, assim como do seu robustíssimo *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa*.

São vários os exemplares de trabalhos historiográficos de Gago Coutinho oferecidos ao Visconde de Lagoa, com dedicatórias como esta: “Ao Senhor Visconde de Lagoa. Homenagem do seu amigo e admirador Gago Coutinho”. Por sua vez, o Visconde, como aliás já se disse, retribuía de igual modo, a ponto de, no exemplar da separata *Onde teria invernado Gomes de Sequeiro em 1925*, ter registado a lápis: “A meu ver o modo por que G. Coutinho estudou o assunto é de molde a afastar quaisquer outras conclusões”. Contudo, na “bibliografia” que, sem distinção entre “fontes históricas” e “estudos” insere no final do volume II do seu *Fernão de Magalhães*, não consta qualquer referência ao almirante Carlos Viegas Gago Coutinho. Mais: quem o Visconde elegera para elaborar o “*Estudo náutico do roteiro da viagem de Fernão de Magalhães*” (peça inserta no volume II, p. 217-236) foi o almirante João de Freitas Ribeiro, com esta justificação: “Ninguém mais indicado para a complexa tarefa de coordenar os informes (por vezes

⁷ Na elaboração desta incompletíssima relação de amigos e admiradores servimo-nos de *ofertas* de exemplares depositados na secção da *sua* biblioteca da Faculdade de Letras de Coimbra. Para mais e melhor citação dos seus estudos e até de pormenores biográficos, cf. a notícia intitulada *Visconde de Lagoa (Notas bio-bibliográficas)*, por Alberto Iria, *Studia*, 1, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, p. 360-369.

heterogêneos) das crônicas com a lição da experiência e o conhecimento dos agentes físicos da superfície dos mares.⁸

Foi desconsideração feita a Gago Coutinho? Se o foi ou não, a resposta poderá estar nesta carta:

“Sintra – 1938 – Fevereiro – 23

Prezado Senhor Visconde de Lagoa

Devolvo o Kammerer, que muito lhe agradeço. É uma pena que se não possa obter um exemplar para a *Comissão de Cartografia*, onde já ha o tomo primeiro.

Tomei a liberdade de fazer alguns *comentários* à parte do seu “Fernão de Magalhães”, que se dignou oferecer-me. Fará dêle [sic] o caso que entender, podendo até certos retoques serem feitos em erratas.

Sem mais, dir-lhe-ei que parto antes de 10 de Março para o Rio.

Queira dispôr do seu admirador, atento grato.

Gago Coutinho”

Que saibamos as *Notas à obra Fernão de Magalhães, pelo Visconde de Lagoa* nunca, até hoje, viram a luz da publicidade. Vêem, agora, não para desprimor do 4.º Visconde de Lagoa, mas para utilidade (pensamos que ainda) dos estudiosos da história da Náutica. Reproduzimos em cotejo:

Pag. 12 – Em portuguez a palavra própria é *galé*. *Galera* é galicismo, e indica o mesmo que *trois – mâts carré* em francês. Ha ainda a notar que Pessagno só nos veio ensinar a combater nas galés, e não a navegar no alto mar. Se os Genoveses o soubessem, êles teriam passado o Cabo Bojador e ido à Guiné e à Índia antes de nós.

Pág. 12 – Em 1319 concedeu D. Diniz a Emmanuel Pezzagno o cargo de almirante hereditário de Portugal, sob condição de ter constantemente às suas ordens um estado maior de vinte oficiais genoveses ou italianos para super-intender na construção e no govêrno das galeras lusas.

⁸ Fernão de Magalhães, vol. I, p. XVIII.

Pag. 16 – Não ha dúvida de que, como era natural, se reservaram as viagens de Barto [sic] Dias e de Covilham (a Sofala), como outras viagens, taes as primeiras viagens ao Brasil, antes e depois de 1500, etc.

Pag. 17 – Entre a Serra Leôa e as ilhas de Cabo Verde o vento reinante no verão não é *sueste*: é nessa altura da Serra Leôa que começa a região da chamada *Monção do Sul*.

Pag. 18 – Notar que Colombo, em 1498, e outros espanhóes depois, todos fôram às ilhas de Cabo Verde, e de lá rumaram a sudoeste porque assim, quando tivessem *enchido* 370 léguas em latitude, fácil de determinar, teriam navegado outras tantas em longitude, e atingido o *meridiano* – *raya* de Tordesilhas. Cabral tambem foi a Cabo Verde firmar a longitude.

Pág. 16 – A actividade tradicional e o espírito empreendedor de D. João II tornam inadmissível tam longa apatia em seguida à passagem do Cabo da Boa Esperança, e levam-nos a concluir que aquêles onze anos foram dedicados à exploração da costa africana e ao estudo minucioso dos ventos e correntes do Atlântico Sul, a fim de se encontrar um caminho mais rápido e económico, e menos sujeito às calmarias do gôlfo da Guiné, do que aquêles que Bartolomeu Dias traçara.

Pág. 17 – Ao largar de S. Tiago, Vasco da Gama não se engolfou logo no pêgo do Oceano; foi demandar a costa africana até encontrar o vento Sueste junto à Serra Leôa e só depois se amarou, não ao rumo directo do Sul, mas a descrever um longo arco que quási tangenciou a costa do Brasil [...]

Pág. 18 – Os próprios Reis Católicos alimentavam a convicção de que as negociações do Tratado de Tordesilhas foram orientadas pelo monarca lusitano com o fim de assegurar para Portugal a posse dum vasto país sito a sudoeste do arquipélago cabo-verdiano.

Pag. 22 – É naturalíssimo que a nau de Lemos tivesse corrido a costa do Brasil para norte, pelo menos até ao Cabo S. Roque. A nau cá chegou, porque a carta de Caminha cá está, mas guardou-se *sigilo* sobre os resultados de tal reconhecimento.

Pag. 26 – Quem poderá acreditar que os Portugueses, tão conhecedores do Atlantico Sul, onde iam pelo menos desde 1470, pudessem entregar o comando de uma armada a *Vespúcio*, que nunca tinha antes passado para o sul do Cabo S. Roque, e que nem era piloto ou capitão de navios?

Pag. 31 – Se perto de Cabo Verde soprasse *vento sueste* os navios não poderiam ir à Serra Leôa. O vento é lá o do *aliseo*, entre Norte e Nordeste. A carta de Vespúcio diz “hasta el jaloque”. E o capitão portuguez não *caprichou* em fazer o reconhecimento da costa, mas seguiu a norma já adoptada por Vasco da Gama (e depois por Magalhães) de ir à altura da Serra Leôa *tomar barlavento*.

Pág. 22 – Comentando o regresso de Gaspar de Lemos, diz o padre Ayres do Casal que “elle (Gaspar de Lemos) tinha interêsse (e provávelmente recomendações de Pedralvez Cabral) em saber athé que altura a Terra se estendia para o Norte, nada he tão verosímil e natural, como avistalla elle muitas vezes athé o cabo de San Roque, se he que não a levou sempre à vista athé esta paragem [Cosmografia Brazilica]”.

Pág. 26 – Incumbido Vespúcio do comando da armada [1501-1502], aos 15 de Fevereiro, ordenou que seguissem rumo Les-Sueste e “tanto navegamos por êste rumo que a elevação do polo antártico sobre o nosso horizonte era de cinquenta e dois graus, e estavamos distantes da terra donde tinhamos partido boas léguas Les-Sueste, e isto aos 3 de Abril”.

Pág. 31 – Partindo de Cabo Verde com vento Sueste, dirigiram-se os expedicionários [da viagem de 1503-1504, em que também participou Vespúcio] à Serra Leôa onde o capitão-mor caprichou em fazer um reconhecimento; nas imediações apanharam violentos temporais, sendo compelidos a retroceder e a tomar rumo Sussudoeste.

Pag. 46 – Notar que o *mapa de D. Pedro* não poderia ser diferente dos mapas do século XIV que nos ficaram, como é o mapa *catalão*, de Paris, onde não figura terra alguma para o sul do Equador, e a América atual consiste em ilhas conjeturaes.

Pag. 60 – O principio da *esfericidade*, que vinha do tempo dos gregos é aceite nos *Libros del Saber* (cêrca de 1300), onde já vem processos para determinar *latitude* e *longitude*. Estas palavras só têm significação em uma esfera: são ângulos. De resto, ainda que assim não fôsse, as navegações portuguezas em latitude demonstravam, pela mudança do aspeto do ceu, que a terra não era plana mas esférica.

Pag. 66 – Nos *Libros del Saber* já vêm tábuas da Declinação do Sol. O que se pode presumir é que, talvez só em 1473, ou antes, se passou a usar um *Regimento do Sol*, cuja Declinação obedecia ao *cyclo de quatro ânos*.

Pag. 69 e outras – É preciso notar que a *variação da agulha* ainda que ela fôsse perpétua, só nos indicaria a longitude de pontos onde esta tivesse sido antes determinada por outro processo. O processo não poderia, pois, ser mais aproximado que o da *estima*, então usado.

Pág. 46 – Repugna-nos admitir que a tradicional política de sigilo mantida em tórno dos roteiros e dos portulanos, haja sido extensiva ao mapa de D. Pedro, visto tratar-se duma carta confeccionada no estrangeiro e, portanto, préviamente conhecida ali.

Pág. 60 – Assim, em 1510, era o principio da esfericidade terrestre explanado numa interessante memória que abrange parte da matéria posteriormente expendida na obra “*De Orbium Celestium Revolutionibus Libri VI*” que, em 1543, viu a publicidade.

Pág. 66 – Desde 1481 que os mareantes lusitanos estavam habilitados a determinar as latitudes em ambos os hemisférios, boreal e austral, mercê da proficua aplicação das tábuas de declinação solar.

Pág. 69 – “O outro modo [de determinar as longitudes] proposto pelos delegados portuguezes [em 1524, na junta de Badajoz] era por algum grado sem alguu signal do ceu pera mar e terra, que parece dever-se traduzir por medição de distância no mar e na terra por algum grau; era a

Pag. 75 – Notar bem que Magalhães *sabia* que as ilhas de *Maluco* se encontravam em latitude próxima do Equador (“debajo del Equino-cial”). Logo êle não foi às Filipinas por erro de navegação, julgando ir às Mulucas. Ele sabia estar ao norte a 12° de latitude que apresenta o Diário de Albo.

Pag. 122 – O mesmo que pag. 66.

Pag. 125 – Indo em latitude 45 [sic] graus sul é problemático que houvesse *neve* no mar. Isto precisa ser confirmado por navegações modernas.

Pag. 157 – Os termos *nordestear* e *noroestear* provam que os Portuguezes (contra o que se lê correntemente) já antes de Colombo sabiam

navegação por estima, completada com a contagem da distancia em terra, segundo, ao que parece, um mesmo grau de latitude” – citando o almirante L. de Morais e Sousa.

Pág. 75 – É também digno de nota que as observações realizadas por Magalhães no Oriente, quando ali esteve ao serviço de Portugal, estão longe de evidenciar precisão, provavelmente porque ao tempo ainda êle se não familiarizara com os processos científicos de Rui Faleiro.

Pág. 122 – Ultrapassado, porém, o equador e patente que foi a impossibilidade de recorrer ao processo da tramontana para determinar latitudes naquelas paragens, tornou-se imperioso observar as alturas meridianas do sol e confeccionar umas tábuas onde figurasse inserta a declinação diurna do astro rei.

Pág. 125 – Seguindo os navios de D. Francisco [de Almeida], sua derrota, tiveram os pilotos tanto resguardo no dobrar do Cabo da Boa Esperança, que navegaram até 40° de latitude austral, onde encontraram grandes tormentas, frios intensíssimos, e abundância de neves.

Pág. 157 – Assim tiveram os portugueses perfeita noção da variação da agulha e logo introduziram na linguagem os têrmos

que a *agulha* não acusava em toda a parte a mesma diferença para o norte do Mundo, dado pela *Polar*. É sabido que, à volta da Guiné, com o *geral* do NE, por vezes teriam de ir ao *Mar de Sargasso* (revelado na carta de Bianco de 1437) e a cêrca de 40 graus de longitude, hoje de Greenwich, onde a *agulha noroesteava*. Do modo que, com tal variação, *variação* [sic], só é aceitável que se usasse correção permanente nos navios do Mediterrâneo (e de Génova).

Pág. 158 – “Determinar previamente as latitudes”, quer dizer as *longitudes*. Notar que o processo seria absolutamente inútil para pontos onde não tivessem já estado antes navios, com uma estima cuidada, como disse.

Pág. 160 – Parece-me anacronismo associar as palavras *Pigafetta* e *metro*.

Pág. 242 – É arrojo afirmar que Magalhães desconhecia a posição exata das Molucas (em latitude), razão pela qual as teria procurado em 12° latitude Norte. Ver a carta dêle, e o planisfério iluminado por Kammerer. É de querer até, que as tivesse propositadamente evitado,

nordestear e *noroestear*, conforme a *agulha* se afastava para E. ou para W do meridiano geográfico. Êste conhecimento tomara-o Colom dos portugueses, dos quais também tomou os neologismos *nordestear* e *noroestear*; mas não foi êle quem descobriu a variação da *agulha*, como Humbolt inferiu de uma passagem do “*Diário de Navegação da primeira viagem colombina*”.

Pág. 158 – Ora no processo Faleiriano [de Rui Faleiro] determinavam-se previamente as latitudes onde se observavam as variações da *agulha*, e só depois as mesmas variações dariam a conhecer as respectivas longitudes.

Pág. 160 – É nossa convicção que, para suprir o inconveniente que vimos de apontar, *Pigafetta* se servia de uma corda, cujo comprimento seria de 100 ou mais metros, a qual ligava à pôpa do navio.

Pág. 242 – Informa Dénucé que o pai dos reineis [Pedro e Jorge] deu os retoques finais num globo e num mapa-mundo onde as Molucas figuravam na sua posição verdadeira. Permitimo-nos duvidar dêste informe porquanto o itinerário seguido por Magalhães, na

procurando antes descobrir terras novas, que se conjecturava existirem ao norte das Molucas.

Pag. 248 – Não é de admirar que Faleiro tivesse cahido em si, reconhecendo que fôra atrevido ao propôr-se fazer determinação regular das longitudes.

Pag. 254 – Não creio que um navio de 120 toneis, como a nau de Vasco da Gama, tivesse de deslocamento tanto como as 500 toneladas de João Brás d’Oliveira. É caso para se discutir cuidadosamente, sobre os planos supostos dos navios, que amiudo se encalhavam para limpar o fundo. Creio também exagero attribuir à nau *Santo Antonio* 9,8^m de bôca máxima (pag. 257).

Pag. 318 – Nas *Instruções* [dadas a Magalhães e Faleiro] e, em geral, previa-se sempre que Magalhães descobriria terras novas, como era natural. O facto de êle cortar o Equador, tanto antes de chegar a Maluco (foi no meridiano oposto a Greenwich) prova que êle as buscou, de preferencia às Molucas.

última fase da sua arriscada viagem, demonstra que o comandante em chefe desconhecia a situação exacta das ilhas que demandava, muito embora as soubesse localizadas na equinocial.

Pág. 248 – A loucura de Rui Faleiro é um facto averiguado que não tolera contestação. Importa, porém, esclarecer que ela só se manifestou depois da partida de Magalhães como no-lo atestam múltiplos documentos coevos relacionados com Faleiro.

Pág. 254 – Tal [176 000 quilos] devia ser a tonelagem de deslocamento [acrescida do peso do casco = 504 toneladas] de uma nau de 120 toneladas, deduzida da tradição pelo critério científico mas simplista do snr João Braz de Oliveira.

Pág. 318 – “E primeiro que salgays del rio de la dicha cibdad [Sevilha] o después de salidos del llamareys los capitanes pilotos e maestros e darleseys las cartas que teneys fechas para fazer el dicho viaje e le mostrareys la primera tyerra que esperays yr a descubrir...”

Pag. 320 – A insistencia com que se recomenda a Magalhães que não invada a *demarcación*, prova que Pinson, e os outros, não tinham vantagem alguma em procurar descobrir o Brasil tanto ao Oriente, como alguns afirmam que êles fizeram.

S. L. O.

Gago Coutinho

P.S. dos *Diarios* de Colombo conclue-se que, se na primeira viagem foi descoberta a *variação de agulha*, fôram os pilotos espanhóes quem a descobriu, e não Colombo, que apresenta aos pilotos uma explicação confusa.

G.C.

Pág. 320 – “Por la manera susodicha hareis todos juntamente camino con la buena ventura a la tyerra que nombraredes a los otros capitanes e pilotos e quando llegaredes alla saldreys en tierra e porneis un padron de nuestras armas no siendo en la demarcacion del Serenissimo Rey de Portugal nuestro hermano...”¹

João Marinho dos Santos

FLUC/CHSC

uc3928@fl.uc.pt

¹ Visconde de Lagôa, *Fernão de Magalhães – A sua vida e a sua obra*, vol. I, Lisboa, “Seara Nova”, 1938,